

## Educação para Liberdade: um diálogo entre Freire e Kant

Projeto Interdisciplinar – 3º Semestre – Filosofia

Orientador: Prof. Me. Marcius Tadeu Maciel Nahur

Manoel Fernando Moreira Junior<sup>1</sup>

**Resumo:** Escrito em 1785, *Fundamentações da Metafísica dos Costumes* é considerado um dos textos estruturais da obra kantiana e traz uma abrangente análise sobre moral. Kant faz uma inovadora abordagem, e, sua obra, permite um frutífero estudo sobre liberdade. Ponto convergente entre Kant e Paulo Freire, vértice que permite o diálogo entre os dois autores, e sua atualização no campo da educação.

**Palavras-Chave:** Fundamentação da Metafísica dos Costumes; Paulo Freire; liberdade; educação.

**Sumário:** Introdução. 1. Kant: Autonomia, Maioridade e Liberdade. 2. Paulo Freire: Educação como prática para Liberdade. 3. Autonomia, ética e educação: um diálogo entre Kant e Freire. Referências.

### Introdução

O artigo foi elaborado de forma a apresentar um diálogo entre a filosofia de Kant e a pedagogia de Freire a partir da obra *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Caracteriza-se por uma pesquisa de cunho documental e bibliográfico<sup>2</sup>. Os traços propostos pelo seguinte artigo delimitam-se em uma abordagem conceitual da obra acima citada, serão pertinentes o conceito de autonomia, liberdade da vontade e heteronomia e sua relação com a educação. Além desta obra, será utilizado para o desenvolvimento conceitual de Kant também obras menores e menos renomadas, como, o pequeno texto em torno do esclarecimento e sua curta explanação no texto *Sobre a Pedagogia*.

---

<sup>1</sup> Graduado em História pelo UNISAL – Lorena, graduando em Filosofia no 3º Semestre pela mesma instituição. Contato: manoel.moreira93@live.com

<sup>2</sup> “A pesquisa é chamada ‘documental’ porque procura os documentos na fonte prismática [...] A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas” (RAMPAZZO, 2011).

Delimitado os aspectos kantianos que aqui serão abordados, partir-se-á para uma análise da abrangente obra de Freire, importante pedagogo brasileiro do século XX, sua perspectiva pedagoga converge-se com a de Kant no ponto em que os dois pensam a liberdade e sua relação com a autonomia. Freire possui uma vasta obra em torno da educação, por isso, limitar-se aqui apenas a algumas centrais que serão trarão não técnicas pedagógicas ou perspectivas políticas, mas uma análise conceitual do processo educacional. É característica fundamental do pensamento de Freire a importância da educação como mecanismo transformador da sociedade como um todo, e principalmente, como forma de emancipação das classes menos favorecidas, além do ponto central da educação constituir-se como uma prática da liberdade<sup>3</sup>.

O processo educacional tecnicista proposto pelo mundo capitalista ampliou a fragmentação do conhecimento, favoreceu as desigualdades sociais, por propiciar o imobilismo, excluiu os menos favorecidos, e, principalmente, deixou de lado a verdadeira função da educação, a Liberdade. A proposta de se estabelecer um diálogo entre os dois autores, é uma busca pela desconstrução desse paradigma educacional que o mundo contemporâneo se apropriou, a partir de uma retomada do pensamento do filósofo iluminista somada a uma análise pedagoga do final do século XX, que se delimitam em um vértice, a Liberdade.

### **I. Kant: Autonomia, Maioridade e Liberdade.**

Apenas alguns filósofos marcaram o pensamento ocidental como Immanuel Kant. Alemão, nascido em 1724 morrendo em 1804, Kant foi um expoente pensador iluminista, sua filosofia é referência no campo epistemológico e moral. Sua contribuição mudou o decorrer da filosofia de forma sistemática, a análise moral é tida por muitos como ponto de ruptura, sua abordagem epistemológica iniciou um processo de mudança estrutural do conhecimento, ampliando e delimitando a razão. Não cabe no presente artigo deleitar-se nesse campo de análise, como já foi mencionado, será abordado neste um ponto pouco apontado na filosofia kantiana, o campo da educação para a liberdade.

---

<sup>3</sup> “Educação como prática da liberdade” texto escrito por Freire em 1968, momento em que se encontrava em exílio político, devido ao golpe militar de 64.

Kant não desenvolveu nenhum método pedagógico de ensino ou metodologias de aprendizagem, sua análise diretamente destinada à educação limita-se a um pequeno esboço publicado por seu aluno Rink com sua autorização em 1803. Entretanto, em sua obra estrutural, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, Kant busca uma análise fundamental do “princípio supremo da moralidade”<sup>4</sup>. Neste ponto, é possível notar uma dura crítica às anteriores filosofias morais<sup>5</sup> que traziam consigo notas de moralidade, mas não uma busca pelo princípio supremo da moralidade, já que para ele essas filosofias traziam sempre princípios heterônimos, ou seja, externas ao sujeito, mas não que partissem de um princípio de liberdade, e portanto, de uma autonomia do sujeito.

Autonomia é um conceito que servirá de vértice para o diálogo que a frente será construído. Assim, faz-se importante sua definição, para Kant, autonomia é a capacidade do ser de agir moralmente por si mesmo, de forma a não depender de nada externo a sua própria razão, nem de um sujeito, nem de um princípio, completando com suas palavras, “A autonomia é pois o fundamento da dignidade da natureza humana e de toda a natureza racional”<sup>6</sup>, Kant vai além ainda e determina, “[...] princípio da autonomia é o único princípio moral”<sup>7</sup>.

Conceituado, então, autonomia, é importante referir-se agora à frase inicial de seu texto “Sobre a pedagogia”, “O homem é a única criatura que tem de ser educada”<sup>8</sup>, neste ponto é possível notar que para Kant o homem é construído socialmente, e, portanto, é educado, não sendo constituído *a priori* de princípios morais “naturais”. Ele entende que e o processo de educação é fato que possibilita ao homem emergir do que ele chama de “minoridade” para a “maioridade”. Estes dois conceitos foram apresentados em um pequeno texto produzido por Kant em

---

<sup>4</sup> “A presente Fundamentação nada mais é, porém, do que a busca e fixação do princípio supremo da moralidade, o que constitui só por si no seu propósito uma tarefa completa e bem distinta de qualquer outra investigação moral (KANT, 2011, p. 19).”

<sup>5</sup> É importante denominar tais filosofias, as principais correntes morais anteriores a Kant, são a Aristotélica e a Cristã.

<sup>6</sup> KANT, 2011, p.84.

<sup>7</sup> *ibid.* p. 91.

<sup>8</sup> KANT, 1996, p. 11.

torno da pergunta, “O que é esclarecimento?”, são dois conceitos importantes para uma abordagem em torno da educação.

Na filosofia kantiana, o termo minoridade, destina-se aos homens que de alguma maneira encontram-se sob a tutela de outros homens, ou de princípios, que não partiram dele mesmo e do uso livre de sua vontade. Para o autor:

O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a sua causa não estiver na ausência de entendimento, mas na ausência de coragem de servir-se de si mesmo sem direção de outrem.<sup>9</sup>

Nota-se, neste ponto, que o autor determina que a busca pela maioria dependa do entendimento propiciado pela educação e de uma vontade subjetiva de guiar-se por si mesmo sem determinações de outrem. O homem é, portanto, capaz de almejar a maioria somente através do processo educacional, mas apenas isso não basta, ele necessita de uma disposição subjetiva de ser agente de suas próprias realizações, de ser protagonista de seu próprio vir a ser.

Em busca por um princípio fundamental da moralidade, Kant não o separou da necessidade essencial de liberdade e de autonomia, e, portanto, do processo educacional que isso exigiria. O princípio moral fundamental do *dever* só poderá ocorrer a partir de uma liberdade da autonomia da vontade no ponto em que eles se convergem em transgredir para imperativos categóricos *a priori* que delimitam o agir humano de forma livre e autônoma, a agir *por dever* e não de *acordo com o dever*, contrapondo-se a princípios heterônimos que estimulam uma minoridade da razão humana. Kant como já foi dito, é um expoente do Iluminismo, período no qual a razão atingiu seu auge, sendo posta por ele como a provedora de princípios morais autênticos, excluindo os princípios metafísicos morais cristãos.

Poderia, neste ponto do trabalho, questionar-se, o motivo pelo qual um pensador do século XVIII deve ser abordado como uma possível saída para a educação atual. E agora, já é possível responder. Sem muitas delongas, toda a fundamentação kantiana baseada na autonomia da razão contraria o sistema educacional tecnicista, que se limita à transmissão de conhecimento de forma fragmentada e superficial, impossibilitando ao indivíduo uma abertura para o novo, para além do que lhe é

---

<sup>9</sup> KANT, 2008, p. 115.

dados. O sistema educacional atual no Brasil não leva o educando ao esclarecimento, pois não cria bases de entendimento necessárias para sua maioria, colocando-o sempre sob tutela de um “especialista”, limitando-o, estagnando em seu estado de “menor”.

Estabelecidos os conceitos centrais em Kant, pode-se agora traçar uma perspectiva em relação a Freire para que posteriormente se estabeleça um diálogo entre ambos. Os conceitos aqui assumidos de autonomia, liberdade e educação serão fundamentais para que possibilite dialogar os dois autores e se estabeleça um caminho para uma “nova” perspectiva sobre a educação e sua finalidade, retomando sua função emancipadora do homem para o esclarecimento.

## **II. Paulo Freire: Educação como prática para a Liberdade**

Seletos são os pensadores brasileiros reconhecidos e renomados internacionalmente, Paulo Freire, com certeza, é um deles. Nascido em 1921, veio a falecer em 1997. Freire marcou a história da pedagogia mundialmente. Com 29 títulos de *doutor honoris causa*, consagra-se como o brasileiro que mais recebeu tal mérito. Esteve à frente da Secretária da Educação da Prefeitura Municipal de São Paulo entre os anos de 1989-92, Freire possui uma vasta obra dentre a qual destacasse aqui títulos renomados como *Pedagogia do Oprimido*, *Educação como Prática para Liberdade*, *Pedagogia da Autonomia*.

A teoria pedagógica de Freire é marcada por uma busca incansável de chegar aos menos favorecidos, por influência marxista, aposta no homem como motor móvel do mundo, o único capaz de modificar sua própria história de fazer-se nela. Sua prática pedagógica modificou as estruturas de um ensino que até então se restringia a mera transmissão de conhecimento, em um modelo tecnicista, mecânico e limitado, no qual o professor era detentor de todo conhecimento e o educando mero receptáculo. Freire possibilita a teoria educativa abrir possibilidade para um novo pensar progressista na área da educação.

Sua maior crítica educacional está envolta do sistema denominado por ele como “bancário” de educação, este modelo justamente se preocupa apenas em depositar

e transferir conhecimentos prontos ao educando, tendo o educador como detentor de todo conhecimento e o aluno com nenhum, sendo eles distanciados por tal fato, impossibilitando uma relação entre educar e ser educado<sup>10</sup>. Freire aposta em uma dialética no processo educacional, no mesmo momento em que o educador ensina, ele também se passa como educando, e vice-versa, o processo de aprendizagem ocorre em uma dialética constante, que possibilita uma aprendizagem para ambos, educando e educador<sup>11</sup>.

Essa nova concepção dialética da educação possibilita então que ela transgrida sua capacidade de imobilismo das classes menos favorecidas para uma educação que a as liberte. Nesse novo processo o educando pode agora construir o conhecimento junto ao educador, sendo ator principal de seu processo educacional. O educando deixa seu imobilismo e passa à práxis de uma aprendizagem livre e crítica. Agora a relação educador-educando passa a ter uma nova concepção, esta rompe o processo excludente da educação “bancária” que menospreza os saberes menos “requentados” das classes mais pobres, subjugando-os com indiferença, alinhando-se de forma drástica aos saberes teóricos e técnicos, que não fazem parte da realidade das camadas mais pobres da sociedade.

Neste processo educacional no qual de forma crítica e livre educandos e educadores constroem juntos seus conhecimentos, há nesse processo o que Freire denomina como pedagogia da Autonomia. Momento no qual o homem como ser livre pode construir e transformar sua realidade de forma autônoma, da mesma maneira como ele pode construir e transformar seu conhecimento, de forma crítica. Esse processo educacional emerge o homem de seu imobilismo, da fatalidade dos fatos, de um determinismo seja ele de classe, cultural ou social. O homem como ser agente pode a partir desse processo de libertação, construir-se, fazendo-se, ele faz também o mundo, modifica e emerge a sua realidade, pois como diz Freire:

[...] mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um

---

<sup>10</sup> “O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem”. (FREIRE, 2002, p. 58)

<sup>11</sup> “Daí que tal forma de educação implique a superação da contradição educador-educandos, de tal maneira que se façam ambos, simultaneamente, educadores e educandos.” (FREIRE, 2002, p. 59).

“não eu” se reconhece como “si própria”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe<sup>12</sup>.

Ele ainda continua postulando o homem como ser capaz de transformar sua realidade como ser de ruptura, mas também como ser ético e responsável.

Construído esse novo contexto educacional no qual Freire repõe ao homem sua Autonomia de criação, modificação e, principalmente, de fazer ser, é possível agora pensar em ser humano que responde a ética de maneira autônoma, interna, que a pensa e a constrói. Ao contrário do que críticos superficiais de Freire apontam, ele pensa em autoridade como necessária a educação, essa autoridade só se faz no campo da ética e da liberdade, caso contrário, o processo educacional transformar-se em um autoritarismo didático, de imposições e não dialética entre educador e educando. A educação se constrói, então, em bases da busca dessa autonomia, que possibilitará na práxis o mobilismo social das classes menos favorecidas. De forma autêntica, ética, crítica e livre, neste contexto, o homem se faz e fazendo-se cria um novo mundo, mais “humanizado”, harmônico e ético. Mundo esse que os sistemas neoliberais não pensaram que o sistema educacional bancário não possibilita, e, que a liberdade é condicionada apenas na ilusória possibilidade do mercado.

A “Pedagogia da Autonomia”, portanto, constitui-se como um processo educacional que emancipa os homens, a construírem, reinventarem e transgredirem o que lhe foi imposto. É uma prática na qual o educador assume sua responsabilidade ética, de emancipação, de práxis e nas palavras de Freire constitui-se como, “[...] *a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia*”<sup>13</sup>. O educando agora não é transmissor de conhecimento, mas construtor da ponte para saberes mais aprimorados, o saber se constrói dialeticamente num processo de crítica, a educação constitui-se assim, como uma prática para a liberdade prática.

---

<sup>12</sup> FREIRE, 2011, p. 20

<sup>13</sup> *ibid.* p. 92

### **III. Autonomia, ética e educação: um diálogo entre Kant e Freire**

O atual momento educacional no Brasil mingua-se com os baixos índices educacionais, já há alguns anos o Brasil demonstra péssimos índices nos rankings internacionais. Com o lema “Pátria Educadora”, os últimos anos dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT) teve a feliz proposta de democratização de ensino, índices indicam que houve um significativo avanço quantitativo de acesso à educação tanto no âmbito do ensino básico como universitário. Entretanto, a proposta de inserção de milhares de pessoas no sistema educacional não veio acompanhada de uma mudança estrutural nos paradigmas da educação.

Paulo Freire, que participou do Partido dos Trabalhadores durante muitos anos, não viveu para ver sua ascensão ao poder, e diante das propostas educacionais governamentais, fica-se a procura de seu legado teórico na construção da política educacional. A democratização de ensino é um fato favorável para a diminuição das mazelas sociais e de um pensamento que abarque as classes menos favorecidas no processo educacional, mas o fato é que os fundamentos deste processo deixaram a desejar e minguaram-se em descrédito. O real objetivo da educação, a liberdade, nunca foi se quer mensurado como ponto ideal a ser alcançado.

Neste contexto de uma educação democrática, porém, mecânica, tecnicista e fechada, as grandes massas de desfavorecidos não emergiram ao processo educacional de forma crítica e construtiva, e em contrapartida a democratização, os índices educacionais em rankings internacionais apenas pioraram. O processo educacional melhorou quantitativamente, porém a qualidade de ensino vem sendo debatida e questionada nos mais variados âmbitos, desde o ensino regular básico até os ambientes das mais renomadas universidades do país. É necessário que o processo de democratização do ensino não perca seu real objetivo, o de gerar homens livres e críticos que construiriam uma sociedade mais justa a todos.

O resgate da liberdade, e, portanto, da autonomia, como princípio fundante da educação pode ser pensado a partir da perspectiva destes dois autores que foram brevemente apresentados acima. Ambos criticam o modelo de educação domesticadora. Freire no âmbito da crítica a educação bancária que imobiliza e Kant campo moral no qual a educação não transforma a realidade em busca de um ideal de aperfeiçoamento humano.



Em sua análise em torno da Autonomia e Heteronomia, na obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes”, Kant faz uma abordagem no âmbito ético, principalmente criticando os modelos anteriores que buscavam traçar um valor heterônimo, fora do homem, um ideal à ser alcançado, seja ele um ser metafísico ou a felicidade. Para ele esses modelos aprisionam o homem ao invés de realmente o liberta-lo, só uma ética baseada na autonomia da vontade é capaz de dar ao homem a sua dignidade, sua humanidade. Freire tem uma perspectiva que se assemelha no campo da educação, a pedagogia da autonomia para ele é justamente essa que liberta o homem de seus grilhões, que rompe com a vigente relação de educador e educando, no qual, o educando, recebe os conhecimentos todos de forma heterônoma, ao invés de construí-lo em sua autonomia livre e crítica.

As duas concepções complementam-se, pois colocam o homem como construtor de seu mundo, seja no campo ético, ou epistemológico. É o homem através da liberdade que pode fazer-se, modificando, rompendo, construindo-se como agente da própria história, como participante ativo. E somente na práxis, no agir no mundo e com o mundo, o homem pode resgatar sua dignidade, seu agir livre, crítico e ético, e, portanto, sua liberdade. A autonomia então se constitui como ponto de partida para ambos para essa reflexão subjetiva de liberdade do homem, esse estar no mundo como *eu*, não um *eu* passivo, que recebe e internaliza, mas um *eu* ativo que se constrói dialeticamente na relação como o mundo e com o outro, através de sua autonomia, seja ela no campo do agir ético ou no campo da educação.

Para Kant “*O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz*”<sup>14</sup>. Ele ainda completa “*Uma vez que as disposições naturais do ser humanos não se desenvolvem por si mesmas, toda educação é uma arte*”<sup>15</sup>. Portanto, é função da educação inflar as disposições naturais do homem, disposições estas como a liberdade e a autonomia. Freire vai mais adiante, admite a educação como “*um ator de amor, por isso, um ato de coragem*”<sup>16</sup>, amor e coragem, pois o educador tem que estar à disposição do debate, do ir ao encontro do aluno, da construção do conhecimento fazer-se junto a

---

<sup>14</sup> KANT, 1996, p. 14.

<sup>15</sup> *ibid.* p. 18.

<sup>16</sup> FREIRE, 1975, p. 96.

ele. Nesse princípio, educando e educadores participam do mesmo processo no mesmo patamar, ambos se constroem e rompem a estagnação da educação mecânica.

É possível um diálogo entre a filosofia ética e até mesmo educacional kantiana e a perspectiva de Freire para a construção de um modelo de educação que liberte o homem. Modelo este que se converge no vértice da autonomia do *eu* frente ao mundo massificado e estagnado, modelo que rompe e devolve ao homem sua dignidade de sujeito histórico, ativo, criador, transformador e ético. Um sistema educacional que tenha a liberdade como ponto de chegada será na concepção dos dois autores um modelo ideal a ser alcançado, um modelo para Kant de eterna construção de geração em geração, e para Freire, que possibilite a inserção das classes desfavorecidas no âmbito democrático.

## **Conclusão**

O desenvolvimento do mundo capitalista e suas teorias neoliberais construíram um modelo de educação falsamente democrático, no qual todos têm acesso ao ensino regular, e, portanto, supostamente ao conhecimento, possibilitando que através de uma meritocracia excludente o indivíduo alcance seus objetivos individuais. O ensino transformou-se em uma ponte para o mercado de trabalho, tecnicista, mecânico, simplório. É preciso uma retomada ao real objeto almejado da educação, um retorno aos valores da busca pela verdade e do conhecimento, de modo crítico e livre.

Kant e Freire constituem-se como possível ponto de retomada ao princípio fundante da educação, a liberdade. É preciso que o sistema educacional emerja o homem da sua realidade, transgredindo-a, possibilitando a abertura ao novo. Essa abertura crítica só ocorre no momento em que o homem se assume como sujeito, torna-se autônomo, atinja a maioridade, seja construtor de sua própria história como ser no mundo e para o mundo. Mais do que transmissora de conteúdos técnicos, a educação deve possibilitar ao homem, e principalmente, as classes menos favorecidas, constituir-se como pessoa, para que como pessoa alcance a humanidade.

A educação deve ser ruptura e não *status quo* de um mundo injusto, segregado e desigual. O atual sistema educacional brasileiro, de democratização de ensino, universalizou o acesso à escola, porém, a democratização do conhecimento não ocorreu. Assim, a educação não realizou seu papel de democratização, mas de massificação. Fato que não tardou a apresentar graves problemas, como baixos índices que se propagaram na educação básica e universitária. O modelo de conhecimentos fáceis e enxugados se popularizou, atingindo as produções acadêmicas e pedagógicas. A educação como prática para a liberdade tornou-se mera utopia distante.

O sistema educacional de emancipação do homem proposto por Kant e de autonomia do conhecimento proposto por Freire contrariam em todas as bases uma educação fatalista, que ao invés de libertar, aprisiona, ao contrario de ser prática é mecânica. Um filósofo do século XVIII e início do XIX tem muito a contribuir para o resgate de um modelo educacional que dignifique o homem. Freire nunca foi projeto político pedagógico do sistema educacional brasileiro como muitos propagam de forma errônea, pelo contrário, o modelo educacional federal é muito falho nas estruturas mais fundamentais do pensamento de Freire. Ambos propõem uma educação como prática para aquilo que é mais digno no homem, para algo que apenas o homem, diferente dos animais possui, não a razão como instituíra Aristóteles, mas a liberdade.

Demonstrada as perspectivas acima é possível notar a necessária busca por um novo modelo de educação, modelo que contemple a necessidade inerente ao homem de emancipar-se, de esclarecer-se, de chegar à maioria, de ser protagonista do próprio processo histórico. Mais do que matemática, português ou física, é preciso que a educação possibilite que o homem se reconheça como sujeito ativo, digno, ético, capaz de transformar, romper, construir ou modificar, sua realidade, o mundo e o outro. Esse processo só ocorrerá no instante em que a liberdade constituir-se como conteúdo fundamental do processo educacional.

A educação como pedagogia da autonomia, ou como prática para o esclarecimento possibilitaria ao homem emergir-se de seu imobilismo e constituir-se eticamente como sujeito. Um modelo educacional que tenha como pauta a busca incansável pela autonomia do sujeito com *eu* ativo, pensante, transformador será

capaz de corresponder às necessidades e paradigmas do mundo contemporâneo, democrático e globalizado. Portanto, a educação que faz jus a seu papel fundante deve ter como meta a liberdade do pensar e agir humano, para que assim, possibilite o homem a construir-se eticamente na práxis de sua própria história, não uma história de classes, exclusão e imobilismo, mas uma história de homens igualmente livres e críticos. Uma prática educativa que inclui, e, não exclui, que emancipa e, não limita, que ao invés, de aprisionar, liberta.

### **Referências**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 33° ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 5° ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos Costumes**. Trad. Paulo Quintela. 2° ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos Costumes e Outros Escritos**. Trad. Leopoldo Holzbach. São Paulo: Martin Claret, 2008.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Trad. Francisco Cock Fontanella. UNIMEP: Piracicaba, 1996.